

1 Introdução

*Morre jovem o que os deuses amam, é
um preceito da sabedoria antiga.¹*

Fernando Pessoa

A partir das palavras de Fernando Pessoa, começaremos nosso estudo sobre Mário de Sá-Carneiro, poeta pertencente ao modernismo português e um dos mentores da revista *Orpheu*. Poeta que morreu jovem, suicidou-se aos 26 anos em um hotel na cidade de Paris. Sua obra, não muito vasta, porém rica e notável, apresenta traços que revelam uma profunda angústia existencial.

Segundo Cleonice Berardinelli, Mário de Sá-Carneiro apresenta em sua produção literária um *eu* inadaptado à vida:

Sua inadaptação à vida, sua irrealização, a busca e a dispersão de si mesmo, o desejo de equilíbrio, de não ser *quase*, o narcisismo enternecido que por fim se transformará em desprezo por *aqueloutro*, o seu ideal de poeta e a renúncia que dele exige, tudo que constitui o mundo de dúvidas, de ânsias, de angústias do poeta é a essência de sua poesia.²

Poeta da distância, do vago, da cor, do impossível³, reflete em sua poesia suas inquietações e aflições. A luta constante entre Eros – deus do amor, da vida – e Tanatos – deus da morte –, foi constante em sua trajetória artístico-biográfica. Na própria correspondência de Sá-Carneiro, podemos observar a grande inquietação que o perseguia. Em carta a Fernando Pessoa, em 25 de março de 1913, Sá-Carneiro discorre sobre a angústia de um artista, que pode ser fecunda para a criação de uma grande obra. Porém, a contrariedade, outro traço importante de sua poesia, esmaga-o, sem compaixão:

[n]uma grande angústia, às vezes, pode até um artista ir buscar, ainda que dolorosamente, material e vontade para uma obra de gênio. A dor, quanto a mim,

¹ SÁ-CARNEIRO, Mário de. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995, p. 11.

² SÁ-CARNEIRO, Mário de. *Poesia*. Org. Cleonice Berardinelli, col. “Os Nossos Clássicos”, Rio de Janeiro: Ed. Agir, 2005, p. 17-18.

³ PORTUGAL, Biblioteca Nacional. *Mário de Sá-Carneiro, 1890-1916* / Biblioteca Nacional, Lisboa: BN, 1990, p. 9.

pode ser fecunda. Mas nunca a contrariedade. Essa, mesquinha, enervante e torpe, esmaga as maiores energias: é a eterna fábula do leão e do mosquito.⁴

Em nossa pesquisa, trabalharemos a estranheza e inadaptação do Poeta frente ao mundo, que redundará, em seus *Últimos poemas*, na auto-rejeição violenta e dolorosa, que para Fernando Paixão representa “mais do que uma atitude estética, cruz[ando] com a ousadia poética o assombro da vida”⁵. Centraremos nossa atenção em algumas imagens insistentemente repetidas na sua poesia como a do labirinto, a do desnorteamento do eu lírico. Abordaremos, também, a sensação de incompletude – o eterno *quase* –, marca indelével de sua poesia.

Começaremos, contudo, por sua vasta correspondência literária, para buscarmos uma compreensão mais profunda da insatisfação do poeta perante o mundo. Em seguida, refletiremos acerca das possíveis influências e possíveis diálogos que marcam a obra de Sá-Carneiro, como a de Fernando Pessoa, Camilo Pessanha, Charles Baudelaire e Cruz e Sousa, não deixando de lado as tendências literárias e filosóficas que permeiam a criação artística do “maior intérprete da melancolia moderna, e um dos grandes poetas portugueses de qualquer tempo”⁶.

Nosso estudo, contudo, não tem a intenção de esgotar a obra lírica de Sá-Carneiro. Analisaremos em um capítulo a parte alguns poemas de *Dispersão*, realçando a trajetória de um *eu* que tenta alcançar a plenitude, mas se dilui em si mesmo, tendo como fim a sensação de fracasso, a queda.

Por fim, veremos o sentimento de impossibilidade que acomete o poeta em *Indícios de Oiro* e *Últimos Poemas*, destacando o estado de intermédio e o estranhamento de si próprio e o autodesprezo que o levam ao *Fim*.

⁴ SÁ-CARNEIRO. (1995), p. 761.

⁵ _____. *Poesia*. Org. Fernando Paixão, São Paulo: Ed. Iluminuras, 2001, p. 13.

⁶ VAZ, Maria Isabel do Amaral Antunes. *Imagens da Vida (Presença: Poesia e Artes Plásticas)*. Porto: UFP, 1996, p. 54.